

ESTIGMATIZAÇÃO DE INDIVÍDUOS PORTADORES DE TRANSTORNOS MENTAIS

Aline dos Santos Gomes, Jéssica Faria Teixeira Rosa.

Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Artes e Educação, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, aline.sts7@gmail.com, jessicafariat@hotmail.com.

Resumo – O estigma em sua origem se refere a uma marca utilizada para evidenciar determinada característica. Ao longo da história até os dias atuais a palavra estigma - aqui especificamente falaremos do estigma social – é carregada de sentido depreciativo ao se referir a determinado indivíduo e/ou grupo e suas particularidades. O presente estudo tem por objetivo analisar a presença do processo de estigmatização na sociedade e em como este impacta na constituição das pessoas portadoras de transtornos mentais, como a depressão e a esquizofrenia, gerando sofrimento psíquico nesses sujeitos.

Palavras-chave: Estigma, Transtornos Mentais, Depressão, Esquizofrenia.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas - Psicologia

Introdução

De acordo com Rocha, Hara e Paprockri (2015) a palavra estigma é de origem grega, que significa marca feita em brasa, sinal ou tatuagem. No contexto da Grécia Antiga essa marca era utilizada para distinguir membros considerados inferiores, como por exemplo: escravos ou criminosos. Dessa forma os outros membros da sociedade saberiam determinar esses indivíduos. Segundo Oliveira e Azevedo (2014) a palavra estigma tem como significado característica visível ou invisível, que evidencia uma imperfeição do indivíduo, que o invisibiliza, dificultando as relações interpessoais, isso se dá por conta de atitudes discriminatórias, consequência da forte discriminação social, por conta de suas características preestabelecidas ou verdadeiras, crenças ou atitudes, que não condizem com as ordens econômicas, políticas, sociais ou culturais.

Ainda segundo os autores o estigma contribui para práticas de exclusão social. O termo quando se pensa na Grécia Antiga não estava correlacionado com a doença mental, contudo esses transtornos já eram vistos como vergonha, desvalorização e humilhação. No período da Idade Média, as práticas inquisitórias que promoviam “caça às bruxas”, além de retratar misoginia, também representavam ações violentas e negativas em torno das doenças mentais, isso pode ter sido o início de atitudes estigmatizantes no que se refere a doença mental desde o século XVII até atualidade em meio a cultura cristã.

De acordo com Santos, (2008), inicialmente, o estudo do tema “loucura” foi abordado na esfera das ciências sociais por duas grandes vertentes: O Interacionismo Simbólico de Goffman e o pensamento de Foucault. O interacionismo Simbólico surgiu no Estados Unidos nos anos 60, seu enfoque principal está na inserção da loucura em hospital psiquiátrico de acordo com seu meio social.

Segundo Isaac (2002), Goffman fazia parte de um grupo de autores da Escola de Chicago, que caminhava sob a perspectiva Interacionista Simbólica contraditória ao Funcionalismo de Parsons. O interacionismo simbólico se baseia no estudo do contexto face-a-face da vida social, no convívio social presente na vida cotidiana que envolve troca dos símbolos. Ao nos relacionarmos com outras pessoas, buscamos incessantemente referências sobre o tipo de comportamento adequado para cada ambiente e como compreender o que as outras pessoas planejam.

Diante da “teoria da rotulação” o doente mental é compreendido como um indivíduo que expressa comportamentos desviantes, conseqüentemente existe um rompimento no que se refere ao padrão esperado, em meio a essa situação o sujeito é rotulado como doente mental e passa a se tornar alguém desvalorizado socialmente (SANTOS, 2008).

As atitudes que nós ditos “normais”, tomamos diante de uma pessoa com estigma, os atos que praticamos em relação a ela são bem definidos, se tratam de respostas que tentam suavizar e melhorar. De maneira geral entendemos que alguém com algum estigma não seja completamente

SOCIEDADE EM REDE:

EDUCAÇÃO, PESQUISA E DESAFIOS NOS TEMPOS ATUAIS

humano. Guiados por essa crença, consequentemente a discriminamos, sem refletir reduzimos a chance de vida (GOFFMAN, 1963).

De acordo com Goffman (1963), criamos uma hipótese do estigma, como uma forma de explicar a inferioridade e o perigo que ele representa, racionalizado em determinadas situações uma antipatia centrada em outras divergências. Fazemos uso da linguagem, nomeando a diferença: louco, retardado, aleijado.

Metodologia

Para o desenvolvimento deste artigo utilizou-se a pesquisa bibliográfica. A revisão de literatura considerou teses de mestrado e doutorado, livros e artigos científicos que abordassem as temáticas de estigma e preconceito em relação a indivíduos com transtornos mentais, como a esquizofrenia e a depressão. Como ferramenta de pesquisa utilizou-se dos canais digitais acadêmicos que possuem extensa disponibilidade de periódicos, como: Scielo, Google Acadêmico, Periódicos Capes, sites de universidades, entre outros.

Resultados

No Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais a esquizofrenia é caracterizada por: “anormalidades presentes nos seguintes domínios: delírios, alucinações, pensamento (discurso) desorganizado, comportamento motor grosseiramente desorganizado ou anormal (incluindo catatonia) e sintomas negativos.” (DSM-5, 2014). De acordo com Elkis (2002), na década de 70 os pesquisadores da Universidade de Washington apresentaram os primeiros critérios diagnósticos, no qual estabeleceram um período mínimo de seis meses da doença. Após sofrer inúmeras modificações o conceito da doença é diagnosticado a partir dos critérios do DSM-5 (2014).

Já a depressão atualmente é classificada pelo CID-10 com indivíduos acometidos com transtorno depressivo, tendo como característica: sofrimento por perda de interesse, prazer, pouca energia, desgaste físico ao realizar atividades “comuns” rotineiras, ansiedade, angústia, mudança, oscilação de humor costureira, em determinado momento, em alguns momentos expressando irritabilidade, consumo exacerbado de bebida alcoólica, em determinados casos há comportamento histriônico, sintomas físicos ou obsessivos acentuados preexistentes ou por hipocondria.

Segundo Scliar (2003), a palavra depressão é utilizada muitas vezes para se referir a enfraquecimento em diversas áreas da vida. Essa associação é normalmente feita ao falarmos este nome nos referindo a doença. Moreira e Castelo Branco (2008) acreditam que essa ação corrobora para um entendimento negativo, ou depreciativo da doença, possibilitando a pessoa acometida pela depressão sentir-se temerosa de ser vista como louca, ou em outras situações, desacreditada, abstrusa, em ambos os casos a pessoa se sente inferiorizada, estigmatizada e desvalorizada.

Nos últimos dez anos, foram realizadas diversas pesquisas em vários países em torno da percepção e do conhecimento da população no que se refere à doença mental. A conclusão foi a alta ocorrência de rejeição aos portadores de doença mental, principalmente do transtorno de esquizofrenia. Mesmo com apoio médico às doenças mentais ao longo do tempo, não houve diminuição significativa da estigmatização por parte da sociedade.

Em uma dessas pesquisas, realizada nos EUA, os autores compararam dados de um estudo realizado em 1996 com aqueles de 2006, os resultados constataram que de fato não houve diminuição do estigma em relação às pessoas portadoras de doenças psiquiátricas. A vontade de não se manter próximo de pessoas com doenças mentais, a associação dessas pessoas como perigosas não apresentou mudanças significativas.

O estudo mostrou em relação a pessoas com depressão, 47% da população não gostariam de trabalhar próximas a elas, 20% não gostariam de tê-las como vizinhas, 30% não gostariam de se socializar com elas, 21% não gostariam de fazer amizade com essas pessoas, 53% não gostariam de ter casamento na família com pessoas com depressão, 70% as consideravam autoagressivas e para 32% elas são heteroagressivas. Os indivíduos esquizofrênicos obtiveram rejeição maior, pois mais de 60% dos entrevistados relataram que não tem vontade de trabalhar perto de uma pessoa com esquizofrenia ou ter casamento na família envolvendo alguém com esse transtorno, além disso, 60% consideravam essas pessoas heteroagressivas e 84%, autoagressivas (ROCHA, HARA e PAPROCKRI, 2015).

SOCIEDADE EM REDE:

EDUCAÇÃO, PESQUISA E DESAFIOS NOS TEMPOS ATUAIS

Segundo o site da OMS (Organização Mundial de Saúde), estima-se que mais de 300 milhões de pessoas são acometidas pela depressão. Mesmo diante desse número preocupante a saúde mental é vista como algo sem importância pela sociedade, visto o preconceito ainda presente em torno das doenças mentais, definidos como loucos, e até mesmo como uma maneira de chamar atenção ou é entendido como frescura, como resultado disso, menos de 10% das pessoas diagnosticadas com depressão no mundo procuram tratamento (TUCHLINSKY, 2018).

No âmbito da saúde mental, os portadores de esquizofrenia sofrem forte estigma, muitas vezes fomentados por ações apoiadas por seus portadores e conflitando o termo inadequado em diversos países. Desde muito tempo o vocabulário popular retira o sentido real dos diagnósticos médicos, em muitos casos utilizado para excluir, classificar um determinado grupo visto como desagradável em meio a sociedade (GUARNIERO; BELLINGHINI; GATTAZ, 2012).

De acordo com os estudos de Gore et al (2011), a doença mental é a principal geradora de estigma associada a uma patologia no mundo. No que se refere a psicose, isso não se dá apenas por sua cronicidade, mas também pela associação da doença ao agravamento mental após um período longo, incluindo também maus resultados sintomáticos, sintomas positivos e negativos, menor chance de recuperação e interação social (PENTTILÄ *et al.*, 2014).

Discussão

Segundo Goffman existem três tipos de Estigma: Estigmas tribais, Culpas de caráter individual e Abominações do corpo, no que se refere ao segundo é o que será abordado, pois ele está relacionado com deficiências mentais (GOFFMAN, 1963).

O estigma atribuído a doença mental continua sendo um dos temas mais enigmáticos da sociedade, atingindo efeitos nocivos aos doentes mentais, dificultando a busca por tratamento psicológico e a recuperação (OLIVEIRA e AZEVEDO, 2014). Ele representa um desafio relevante, podendo ser um empecilho diante dos papéis sociais, podendo provocar: baixa autoestima, perda de oportunidades e culminar em uma menor qualidade de vida. Além disso, pode dificultar o acesso a saúde, como por exemplo: na psiquiatria e até mesmo em outros aspectos da medicina, contribuindo para uma maior incidência de doenças e mortalidade em meio a uma população de risco (XAVIER, NETO e MELO, 2013).

O estigma ligado a doença mental é o principal desafio para os portadores buscarem tratamento. Isso corrobora diretamente para que os governos, mobilizem recursos em prol da doença mental e de seus portadores, esses que sofrem com isolamento social e enfrentam obstáculos para encontrar emprego e moradia, visto que os médicos em determinados casos pensam que seus sintomas físicos são “fruto de uma mente perturbada” (GUARNIERO; BELLINGHINI; GATTAZ, 2012).

A rejeição em torno dos transtornos mentais pode ser consequência da falta de informação e conhecimento, mesmo nos países mais desenvolvidos, assim como apresentam Thornicroft e Mehta (2016), em seus estudos apontam questões como falta de conhecimento (ignorância), preconceito, discriminação, que são as três bases do estigma.

O estigma traz diversas consequências negativas para as pessoas que o possuem. Dentre elas: “Sabe-se que estigma traz problemas para quem o vivencia tais como a exclusão do sujeito nas suas relações sociais, a percepção depreciativa de si, o ensimesmamento, a reconfiguração na dinâmica familiar, a inserção no mercado de trabalho, dentre outros. Face a essas questões, faz-se necessário compreender o modo como o estigma é vivenciado e significado pelo sujeito (MOREIRA; MELO, 2008).

O estigma afeta a vida do sujeito de diversas formas, além disso impacta sobre a própria maneira na qual o sujeito se enxerga no mundo. Diante dessa situação Goffman traz em sua obra “Estigma, Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada” em 1963, o termo autodepreciação que se baseia no que é estabelecido como ideal pela sociedade em detrimento ao defeito do sujeito estigmatizado fazendo com que isso o afete profundamente, provocando nele em algumas situações a crença de que é realmente inferior.

Conclusão

O estigma traz consequências para os portadores de doenças mentais, tendo como significado:

SOCIEDADE EM REDE:

EDUCAÇÃO, PESQUISA E DESAFIOS NOS TEMPOS ATUAIS

marca, em alguns casos é atribuída uma marca a determinado indivíduo com intuito de diferenciá-lo das demais pessoas classificadas como “normais”, essa marca é comumente ligada a termos pejorativos. A presença do estigma acarreta no preconceito e exclusão desse sujeito marcado como “anormal”. No âmbito da saúde mental o que se vê em muitos casos é o desconhecimento, afirmações regidas por crenças que estão envoltas ao imaginário do senso comum com relação aos transtornos mentais, principalmente quando se fala em depressão e esquizofrenia. Esse modo de funcionamento social, que categoriza as pessoas, causa sofrimento psíquico, dificultando a busca por tratamento, além de impactar no re(conhecimento) deste indivíduo enquanto sujeito de direitos e integrante da sociedade. Diante dessa situação é possível enxergar que o tema doença mental ainda não é bem difundido e existe dificuldade por parte da sociedade em compreender a importância da saúde mental.

Referências

DSM – 5. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais** - DSM-5 / [American Psychiatric Association. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.]. Revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ELKIS, Helio. A evolução do conceito de esquizofrenia neste século. 2000. 22 v. **Rev. Bras. Psiquiatr.** vol. 22 s.1 São Paulo May 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-4446200000500009&script=sci_arttext&tIng=pt%20A%20evolu%C3%A7%C3%A3o%20do%20conceito%20de%20esquizofrenia%20neste%20s%C3%A9culo>. Acesso em: 05 ago. 2020.

OPS – Organização Pan-americana de Saúde. **Depressão**. 2018. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=1095>. Acesso em: 23 ago. 2020.

GOFFMAN, Erving. **Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 2. ed. Estados Unidos: Sabotagem, 1963. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/92113/mod_resource/content/1/Goffman,%20Estigma.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2020.

GUARNIERO, Francisco Bevilacqua; BELLINGHINI, Ruth Helena; GATTAZ, Wagner Farid. O estigma da esquizofrenia na mídia: um levantamento de notícias publicadas em veículos brasileiros de grande circulação. **Archives Of Clinical Psychiatry** (São Paulo), [S.L.], v. 39, n. 3, p. 80-84, mar. 2012. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-60832012000300002&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 ago. 2020.

ISAAC, Joseph. **Erving Goffman et la microsociologie**. Paris: PUF, 2002

MOREIRA, Virginia; MELO, Anna Karynne. **Minha Doença é Invisível!**: Revisitando o Estigma de ser Doente Mental. 2008. 9 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Laboratório de Psicopatologia e Psico-Terapia Humanista Crítica, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/274171061_Minha_doenca_e_invisivel_revisitando_o_estigma_de_ser_doente_mental>. Acesso em: 06 ago. 2020.

OLIVEIRA, Ana Rita Fernandes; AZEVEDO, Sônia Meira. Estudos originais estigma na doença mental: estudo observacional. Lisboa: **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**, v. 30, 04 ago. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S218251732014000400004&lng=en&tIng=en>. Acesso em: 10 ago. 2020.

OMS - Organização Mundial da Saúde. **CID-10 - Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. São Paulo: Universidade de São Paulo - USP. Faculdade de Saúde Pública - FSP. Centro Brasileiro de Classificação de Doenças. Brasil.



PENTTILÄ, M., JÄÄSKELÄINEN, E., HIRVONEN, N., ISOHANNI, M., & MIETTUNEN, J. (2014). Duration of untreated psychosis as predictor of long-term outcome in schizophrenia: systematic review and meta-analysis. **The British Journal of Psychiatry**, 205(2), 88–94. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25252316/>>. Acesso em: 12. ago. 2020.

ROCHA, Fábio Lopes; HARA, Cláudia; PAPROCKI, Jorge. Doença Mental e Estigma. **Revista Médica de Minas Gerais**, [S.L.], v. 25, n. 4, p. 1-9, 2015. Disponível em: <<http://www.rmmg.org/artigo/detalhes/1876>>. Acesso em: 26 ago. 2020.

SANTOS, Anna Maria Corbi Caldas dos. **Gênero e Saúde Mental: a vivência de identidades femininas e masculinas e o sofrimento psíquico na sociedade brasileira contemporânea. Algumas reflexões a parti de relatos dos pacientes diagnosticados como portadores de transtornos mentais severos no CAPS – Araraquara – SP.** 2008. 180 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Departamento Sociologia, Universidade de São Paulo, Araraquara, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-05122008-142238/publico/DISSERTACAO_ANNA_MARIA_CORBI_CALDAS_DOS_SANTOS.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2020.

SCLIAR, M. **Saturno nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil.** São Paulo: Cia das Letras, 2003.

XAVIER, S., KLUT, C., NETO, A., DA PONTE, G., MELO., J. C. (2013). O Estigma da Doença Mental: Que Caminho Percorremos?. **Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca**, EPE, Vol. 11, nº 2. Disponível em : <http://www.psilogos.com/Revista/Vol11N2/Indice15_ficheiros/Estigma%20doenca%20mental.pdf>. Acesso em 11. ago. 2020.

THORMICROFT, Grahah; METHA, Nisha, et. al. Evidence for effective interventions to reduce mental-health-related stigma and discrimination. 2016. **The Lancet**. v. 387. 12-1, pp. 1123-1132. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0140673615002986>>. Acesso em 15 ago. 2020.

TUHLINSKY, Camila. **Depressão será doença mental mais incapacitante do mundo em 2020.** 2018. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/noticias/bem-estar,depressao-sera-a-doenca-mental-mais-incapacitantes-do-mundo-ate-2020,70002542030>>. Acesso em 20 ago. 2020.